

# 1 Introdução

Uma das características mais evidentes no ser humano contemporâneo é a autoproclamação de sua individualidade e liberdade. Diante das circunstâncias atuais, o mesmo tem se imposto como modelo e referência tanto na tomada de decisões pessoais como na propagação e defesa de suas ideias diante da coletividade.

Atendendo a essa demanda, a mídia em geral oferece cada vez mais interatividade aos seus consumidores, seja apresentando ampla possibilidade de exposição de ideias, imagens e opiniões, como é o caso das redes sociais, seja na construção de conteúdo a partir dos próprios telespectadores e radiouvintes, como é o caso da mídia televisiva e radiofônica, pois ao ser humano contemporâneo não satisfaz o fato de pertencer a um grupo. Ele quer, ou melhor, precisa ser respeitado, acolhido, ouvido em sua própria individualidade.

Esse clamor pela subjetividade não é uma rejeição ao senso de comunidade, mas uma nova percepção sobre o mesmo. A comunidade, para o indivíduo contemporâneo, é uma reunião que visa ao seu bem particular, mais que ao bem comum. Se ela atende aos seus objetivos, não há mal em viver em um grupo. É o que podemos chamar de *lógica de condomínio*, ou, conforme Z. Bauman, *padrão do acampamento*:

O lugar está aberto a quem quer que venha com seu trailer e dinheiro suficiente para o aluguel; os hóspedes vêm e vão; nenhum deles presta muita atenção a como o lugar é gerido, desde que haja espaço suficiente para estacionar o trailer, as tomadas elétricas e encaixes estejam em ordem e os donos dos trailers vizinhos não façam muito barulho e mantenham baixo o som de suas TVs portáteis e aparelhos de som depois de escurecer. [...] Os motoristas trazem para o acampamento suas próprias casas. [...] Ocasionalmente podem reivindicar melhores serviços; [...] mas nunca lhes ocorreria questionar e negociar a filosofia administrativa do lugar, e muito menos assumir a responsabilidade pelo gerenciamento do mesmo.<sup>1</sup>

Podemos dizer que a mídia reproduz o novo perfil dos indivíduos de duas formas: a) enquanto expressa pensamentos e sentimentos de seus interlocutores (retransmissão); e b) enquanto alimenta um novo modelo de identidade, pois seu conteúdo performativo traz elementos que se agregam aos indicados pelos consumidores e são por eles assimilados, estabelecendo-se assim novos modelos de personalidade. Por exemplo, as tendências que são mostradas na teledramaturgia

---

<sup>1</sup> BAUMAN, Z. Modernidade líquida, p. 35.

têm a ver com o modelo de vida praticado pelas pessoas, mas também lhes oferecem novas possibilidades, como afirma O. Wilde: “A vida imita a arte muito mais do que a arte imita a vida”.<sup>2</sup> Nesse caso, quanto mais modelos houver, mais consumo haverá, e a garantia do sucesso aumenta. Logo, a filosofia da sociedade de consumo pode ser assim expressa: “ser é consumir”.

À parte a questão da relação entre individualismo e consumo, da qual se ocupa a Sociologia, nesta dissertação vamos nos concentrar sobre as consequências deste modo de pensar quando está em jogo a espiritualidade e a relação deste ser humano com Deus e com a religião. Como qualquer outra instituição, as religiões também sofrem a crise que se estabeleceu a partir do “derretimento dos sólidos”<sup>3</sup> provocado por este novo modelo de modernidade. Sendo mediadoras entre Deus e o ser humano, este novo conceito de relação chegou inclusive ao conceito de Deus. As religiões também entraram, mais ou menos voluntariamente, na lógica de mercado, pois esta é a única forma de sobreviver:

Já que a ‘relevância’ socialmente significativa da religião situa-se primordialmente na esfera privada, a preferência do consumidor reflete as ‘necessidades’ dessa esfera. Isso significa que a religião pode ser comercializada mais facilmente se se puder mostrar que ela é mais ‘relevante’ para a vida privada. [...] Daí resulta que as instituições religiosas tenham se acomodado às ‘necessidades’, moral e terapêutica, do indivíduo em sua vida privada.<sup>4</sup>

Não obstante a busca do ser humano por realidades e verdades que atendam à sua demanda individual – o que levaria à dedução de que seria o fim das religiões em face da secularização crescente –, tem-se notado um considerável aumento na procura por caminhos de espiritualidade e transcendência, sob as mais variadas formas, desde a literatura de autoajuda, passando pelas terapias alternativas, a resolução instantânea de conflitos e alcance de objetivos imediatos (*coaching*), a busca de conhecimento de religiões orientais, práticas esotéricas, ou mesmo surpreendentemente a volta a modelos de fundamentalismo religioso que, até pouco tempo, pareciam ter os dias contados. Sentindo-se incapaz de responder aos seus questionamentos espirituais por si só, o ser humano busca ajuda, pois se sente órfão, ou, como escrito nos Evangelhos, como ovelha sem pastor (Mt 9,36).

---

<sup>2</sup> WILDE, O. The decay of lying, p. 1. Disponível em: <<http://virgil.org/dswo/courses/novel/wilde-lying.pdf>>. Acesso em 26 mai. 2018.

<sup>3</sup> BAUMAN, Z. Modernidade líquida, p. 9.

<sup>4</sup> BERGER, P. L. O dossel sagrado, p. 158.

Ora, a Igreja tem no seu tesouro a Direção Espiritual, uma prática nascida em contexto pré-cristão e reformulada a partir de seus conteúdos, cujo desenrolar se deu no deserto, quando a vida cristã se afastou dos núcleos comunitários.<sup>5</sup> Tendo a experiência cristã nascido essencialmente comunitária, ao se transformar o contexto, o ser humano sentiu a necessidade de procurar ajuda para entender a si mesmo e escutar a voz de Deus, pois a experiência de Deus só pode ser feita, ao mesmo tempo, no íntimo do coração e na relação com o próximo. Foi assim que alguns cristãos, considerados mais experientes na sua relação com Deus, começaram a ser procurados como pais.

Com o passar do tempo, a Direção Espiritual assumiu formas e métodos diferentes, embora seu conteúdo tenha continuado o mesmo. Não há segredo ou fórmula por trás da prática: trata-se de uma conversa fraterna entre dois cristãos, cujo assunto fundamentalmente é a procura da vontade de Deus.<sup>6</sup> Consequentemente, nela se vive o principal mandamento, segundo o ensinamento do Senhor: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito e o teu próximo como a ti mesmo” (cf. Mt 22,37-40). Estabelece-se uma tríplice relação à semelhança da comunhão trinitária: o cristão é chamado a relacionar-se com Deus por meio do diálogo com outro cristão, e este diálogo o ajuda a aprofundar-se em si mesmo, abrindo-se para Deus e para o outro de tal forma que também o *mestre* se aprimora ao se relacionar com o *discípulo*, crescendo igualmente na relação com Deus.

Esta pesquisa tem por objetivo apresentar a Direção Espiritual como uma necessidade antropológica a partir da perspectiva cristã, que vê o ser humano não como indivíduo autossuficiente, mas como pessoa, cuja identidade está fundada na sua capacidade de relação e no desenvolvimento das suas próprias habilidades. Esta relação se torna, assim, uma necessidade antropológica, um caminho para responder aos anseios dos homens e das mulheres de nosso tempo, não sem obstáculos e dificuldades, como qualquer realidade humana. A evangelização de hoje precisará empreender o caminho que acolha o indivíduo e o ajude a se relacionar com Deus, com o próximo e com a criação. Nesse processo, o ser humano vai se assumindo como pessoa, o que favorece a comunhão, desejo de Deus para a humanidade.

---

<sup>5</sup> MERTON, T. Direção Espiritual e meditação, p. 15.

<sup>6</sup> BARRY, W. A.; CONNOLLY, W. J. A prática da Direção Espiritual, p. 22.

Por isso, não é possível falar em Direção Espiritual sem reconhecer a ação do Espírito Santo, pois é Ele que inspira no ser humano o desejo de abrir-se para Deus e para o irmão. Mesmo o desejo de fazer o bem e de ser salvo é gerado no seu coração por meio do Espírito. Portanto, espiritualidade não se refere a uma realidade separada da existência corporal, como se corpo e alma fossem duas realidades justapostas ou até mesmo antagônicas. Antes, é a ação do Espírito Santo na vida do fiel considerada integralmente:

A espiritualidade não é o que designamos habitualmente por esta palavra, mas antes a manifestação da ação misteriosa do Espírito Santo. E isto nos coloca imediatamente em uma posição muito nítida em relação à paternidade espiritual, pois não se trata mais de formar uma pessoa seguindo certos princípios e de lhe ensinar a se desenvolver na oração ou na ascese segundo alguns estereótipos. A paternidade espiritual consistiria então, para o pai espiritual, qualquer que seja o seu próprio nível de espiritualidade, em vigiar com um olho vigilante o que faz o Espírito Santo com e em tal pessoa; ele (Pai espiritual) estimulará Sua ação, a protegerá contra as tentações, as quedas e contra as hesitações da incredulidade.<sup>7</sup>

Os diretores espirituais são, nesse sentido, aqueles que, conhecendo a ação do Espírito Santo em sua própria vida, sabem reconhecê-la na vida dos outros, e por isso são chamados a fazê-lo por meio de seu ministério. Sua tarefa é, como diz São João da Cruz, facilitar o encontro das pessoas com Deus que, por meio do Espírito, quer se relacionar de forma íntima com seus filhos. A missão dos diretores espirituais é sublime, desafiadora e ao mesmo tempo secundária, pois eles podem ser ditos, de certa forma, *diáconos do Espírito*:

Advertam tais guias espirituais de almas, e considerem que o principal artífice, guia e inspirador das almas em semelhante obra é o Espírito Santo, e não eles. Este Espírito divino jamais perde o cuidado delas; os diretores são apenas instrumentos para dirigir as almas na perfeição, mediante a fé e a lei de Deus, e segundo o espírito que Ele vai dando a cada uma. Toda a solicitude que eles devem ter, portanto, seja em não as sujeitar ao próprio modo e condição deles, mas sim em olhar bem se sabem o caminho por onde Deus as conduz; porque se o não sabem, deixem-nas, e não as perturbem.<sup>8</sup>

A linha adotada nesta pesquisa, embora não negligencie a preponderância da ação do Espírito Santo para o êxito da Direção Espiritual, tem seu enfoque mais diretamente voltado para o tratado da Antropologia Teológica. Assim, visa reconhecer a Direção Espiritual como uma necessidade antropológica, cuja finalidade é plasmar no ser humano a imagem de Deus mediante a ação do Espírito Santo. Para realizar este intento, a pesquisa se desdobrará da seguinte forma:

<sup>7</sup> SOUROGE, A. Acerca do Pai Espiritual e da Paternidade Espiritual.

<sup>8</sup> Ch III,46.

No segundo capítulo, consideraremos a situação do ser humano na contemporaneidade: suas características essenciais, seus anseios, seus mecanismos para encontrar respostas, especialmente no que diz respeito à espiritualidade. A seguir, consideraremos a Direção Espiritual: sua história, a variedade dos métodos praticados, sua evolução e seus desdobramentos na atualidade. Por fim, buscaremos levantar questionamentos decorrentes do encontro entre o ser humano atual e a Direção Espiritual. Embora o objeto material desta dissertação seja a Direção Espiritual, julgamos importante iniciar a pesquisa com um olhar sobre a situação do ser humano na atualidade para compreender como a Direção Espiritual pode efetivamente ajudá-lo. Trata-se de contextualizar a problemática estudada.

No terceiro capítulo, apresentaremos, dentro da antropologia cristã, o conceito de pessoa. Para tanto, investigaremos este conceito na Revelação Bíblica, no tratado da Antropologia Teológica e no magistério eclesiástico mais recente, a partir do Vaticano II, e de forma especial no magistério do Papa Francisco. Também voltaremos nosso olhar para o problema do dualismo antropológico, enfrentado pela Antropologia Teológica, e proporemos uma solução para tal. E ainda estudaremos o conceito de pessoa em algumas ciências afins, como o Personalismo de E. Mounier e a Abordagem Centrada na Pessoa, de C. R. Rogers, com o fim de perceber como o tema se desenvolve também fora da teologia. A opção por estruturar este caminho se deu por uma razão cronológica. Em primeiro lugar, abordaremos os conteúdos mais antigos, ou seja, o dado bíblico e o dado patrístico. As reflexões psicológica e filosófica que abordam a questão da pessoa, conforme o caminho desta pesquisa, são de origem bem mais recente.

Por fim, no quarto capítulo, consideraremos o urgente apelo à conversão pastoral, que nos impele a ser uma “Igreja em saída”<sup>9</sup>, e a compreender como, mediante a escuta, a Direção Espiritual se desdobra e se atualiza em outras atividades pastorais, que não a suprimem enquanto tal, mas se adaptam às novas circunstâncias e podem, efetivamente, complementá-la. O mais importante é que, juntas, essas modalidades podem responder as interpelações do contexto atual à teologia, em especial no que diz respeito à salvaguarda da alteridade como referencial indispensável para a formação da pessoa. Desse modo, é possível assumir na Igreja o verdadeiro papel de pai/mãe espiritual, tão necessário ao

---

<sup>9</sup> EG 17; 24.

desenvolvimento do ser humano, em especial na atualidade, devido à falta de referências sólidas para a construção da identidade pessoal e cristã.

Esperamos, assim, que esta pesquisa colabore com a ação evangelizadora, apresentando de forma atualizada uma prática tão antiga quanto essencial para o desenvolvimento da natureza do ser humano, criado à imagem de Deus, e, portanto, para viver em comunhão, à semelhança da Trindade Divina.